

# A busca do tempo perdido

*As escolas profissionalizantes e os cursos supletivos são procurados pelos jovens, mas as escolas existentes são insuficientes para atender a todos*

**A**os 19 anos, Carolina Queiroz Andrade, moradora da 310 Sul, é uma jovem que corre contra o tempo. Quando tinha 14 anos, repetiu duas vezes a sétima série. Aos 16, voltou a repetir a oitava e quando viu seus ex-colegas de sala de aula bem à frente, alguns já na universidade, decidiu correr. "Bateu uma tristeza e decidi tomar vergonha e recuperar o tempo perdido", diz.

Na corrida contra o tempo, tem o ensino supletivo como aliado. Está estudando numa das poucas escolas profissionalizantes do Distrito Federal, o Centro de Ensino Tecnológico de Brasília (Ceteb), com a missão de concluir o segundo grau em seis meses. "Depois, faço um cursinho e vou para a Universidade", garante.

Carolina é uma referência na estatís-

tica de milhares de estudantes que buscam nos supletivos e nas escolas profissionalizantes do Distrito Federal a recuperação do tempo perdido. O problema é que nem sempre encontram as portas abertas. Existe um grande contingente e as escolas existentes são insuficientes.

No setor público, tirando os supletivos, não existe qualquer iniciativa oficial para auxiliar a quem quer voltar a estudar. A esperança volta-se para a área privada e para instituições como o Senai (Serviço Nacional da Indústria), Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e Senac (Serviço Nacional do Comércio), mantidos pela iniciativa privada.

Para se ter idéia do que significam essas instituições para quem, por razões diversas, atrasou a própria educação ou formação profissional, basta dar uma olhada nas estatísticas da pro-

cura por cursos profissionalizantes. No Senac, a média de procura na área de informática, nas oito agências da instituição no Distrito Federal, é de quatro mil alunos por dia. "Isso mostra a importância da escola profissionalizante para o país", diz a diretora regional do Senac-DF, Maria da Guia Lima Cruz.

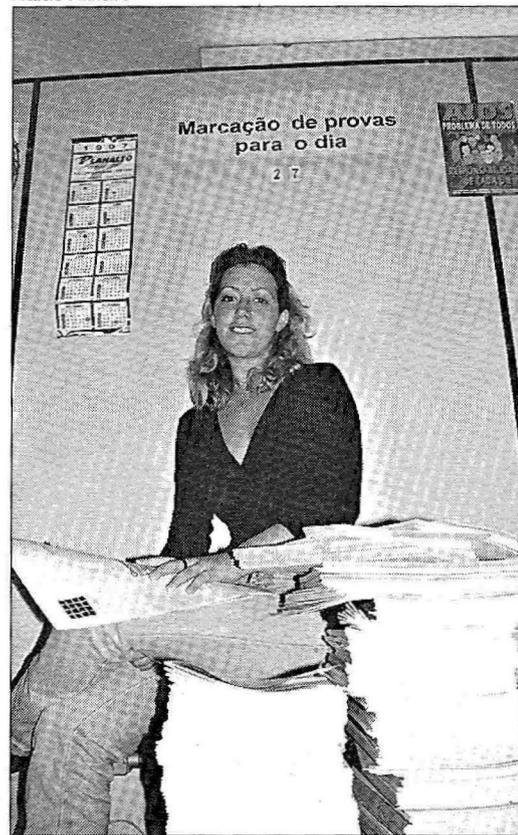
## MULHERES

No Ceteb, o número de matriculados nos supletivos e em cursos profissionalizantes este ano, segundo a gerente de projetos educacionais, Heliane Bergo, foi de 2.500 estudantes. Para o ano de 1998, a previsão é que esse número aumente em mais 50%.

Um detalhe: tanto no Ceteb como no Senac, na procura pelo retorno aos estudos e pela qualificação profissional, as mulheres são a grande maioria. De acordo com dados do Senac nacional, da clientela da instituição em todo o país em diversos cursos, 68% são de mulheres.

"A vida é mais dura para a mulher se ela não tiver estudo ou uma profissão. O homem ainda passa. As mulheres são mais cobradas", atesta Carolina.

Acácio Pinheiro



Carolina faz curso supletivo de 2º Grau no Ceteb